

# Entre o luto e as memórias: a escrita emblemática de Carmen Perilli, em *Improlijas memorias*

*Between mourning and memories: the emblematic writing of Carmen Perilli, in Improlijas memorias*

Rosane Maria Cardoso

Doutora em Letras pela PUCRS, com pós-doutorado pela Universidade de Granada/Espanha. É professora dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UNISC e da FURG. Pesquisa sobre Memória e violência na narrativa latino-americana contemporânea e literatura infantil e juvenil.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8471-307X>>

Contato: [rosanemc@unisc.br](mailto:rosanemc@unisc.br)  
Brasil

Recebido em: 15 de fevereiro de 2023

Aceito em: 01 de junho de 2023

PALAVRAS-CHAVE: Pós-ditadura argentina; Memória emblemática; Escrita de si; Improlijas memorias; Cartonería argentina.

Resumo: Este artigo destaca uma das recentes produções cartoneras. Trata-se de *Improlijas memorias*, romance de estreia da pesquisadora argentina Carmen Perilli, que abarca desde a última ditadura argentina (1976-1983) até os recentes inquéritos contra os algozes daquele tempo. A memória é a peça-chave para denunciar o ambiente opressor vivido e o consequente estado de medo e de incerteza da população. A narrativa apresenta fatos e documentos judiciais sobre os mortos e desaparecidos, assim como se deixa levar pelas lembranças, através das quais mostra os impactos da “guerra sucia” sobre a própria autora. A par disso, Carmen Perilli constrói uma narrativa fragmentada, híbrida e particular. Defende-se, neste artigo, que a construção dessa escrita contribui para a elaboração de uma memória emblemática sobre os eventos traumáticos, assim como o modo de produção do texto, a *cartonería*, potencializa uma voz de resistência contra o autoritarismo de qualquer ordem.

KEYWORDS: Argentinean (post) dictatorship; Emblematic memory; Self-writing; Improlijas memorias; Argentinean cartonería.

Abstract: This article highlights one of the recent cartoon productions. It is *Improlijas memorias*, debut novel by Argentinean researcher Carmen Perilli, which ranges from the last Argentine dictatorship (1976-1983) to the recent inquiries against the executioners of that time. Memory is the key to denouncing the oppressive environment experienced and the consequent state of fear and uncertainty of the population. The narrative presents facts and court documents about the dead and missing people, as well as being carried away by memories, through which it shows the impacts of the “guerra sucia” on the author herself. Alongside this, Carmen Perilli builds a fragmented, hybrid and particular narrative. It is argued, in this article, that the construction of this writing contributes to the elaboration of an emblematic memory about the traumatic events, as well as the way of producing the text, *cartonería*, enhances a voice of resistance against authoritarianism of any kind.

*Nosotros les decimos los desaparecidos así. En grupo para que no nos duelan tanto.*

PAULA BOMBARA

*Muchos proyectos e ideas desaparecen, junto con los cuerpos, tragados por el enorme silencio que dejó solo restos.*

CARMEN PERILLI

## INTRODUÇÃO

As *cartoneras* tornaram-se, hoje, uma forma revolucionária de editoração e de publicação de textos. Faz-se questão de utilizar, aqui, o termo “revolucionário”, pois são espaços de ruptura com a produção hegemônica de livros. Ante as dificuldades muitas vezes enfrentadas por escritores não canônicos, a *cartonería* surge como um modo de tornar acessível uma produção de alta qualidade para o público em geral. Como assevera Cláudia Alves (2019), pensando no mercado editorial brasileiro, as *cartoneras* tornaram-se uma forma de resistência no cenário da publicação de livros.

No caso da Argentina, especificamente, verifica-se a presença de cartoneras desde os anos de 2000, com a iniciativa da cooperativa Eloísa Cartonera. De lá para cá, essa tendência só tem crescido. Para este artigo, destacamos Vera Cartonera e a coletânea Testimonio, coordenada por Daniela Gauna e que objetiva, segundo Gauna, assinalar o papel da memória, enquanto relação entre o passado e seu impacto no presente. O projeto já não mais se vale de papelão coletado por catadores e pintado à mão, mas encontra espaço no

ambiente online. Nessa perspectiva, *Improlijas memorias*, de Carmen Perilli, de 2021, é o primeiro livro da coleção<sup>1</sup>.

A referida autora é docente da Universidad Nacional de Tucumán, Argentina, possui destacada carreira acadêmica e prolífica publicação de textos teóricos, tanto em seu país de origem quanto no exterior. Dirige a *Revista Telar e*, no campo dos estudos literários contemporâneos, foi uma das primeiras pesquisadoras a abordar, a partir dos estudos de gênero, as representações das mulheres na denominada nova narrativa hispano-americana, centrando-se nos vínculos entre historiografia e ficção.

Suas leituras da literatura mexicana são reconhecidas, particularmente, em relação às obras de Elena Poniatowska e Margo Glantz. Também trabalhou com as figuras de autor na narrativa do último entre século e, no livro *Sombras de autor: la narrativa latinoamericana entre siglos 1990-2010*, reflete sobre um conjunto de romances hispano-americanos que têm por base a biografia, o que, segundo a autora acredita, retira da sombra tanto o passado, representado pelo biografado, quanto o presente, através daquele que faz o resgate. Atualmente, estuda a problemática relação entre mulher e revolução na cultura do século XX.

*Improlijas memorias* é a primeira incursão de Perilli no campo da literatura. O texto é dedicado ao marido, Ángel Mario Garmendia, à Adriana Mitrovich e a Ricardo Torres Correa, três dos muitos desaparecidos durante o último regime militar argentino. Além desses, a autora dedica sua escrita “A todos

---

1 Está disponível, em formato PDF, no site <<https://www.fhuc.unl.edu.ar/veracartera/portfolio/improlijas-memorias/>>.

los que siguen sentados en la mesa de La Cosechera” (Perilli, 2021, 7), bar tradicional de Tucumán que reunia jovens politizados, majoritariamente universitários e militantes da esquerda. Ali também eram organizados debates políticos ao longo dos anos de 1960 e 1970. Com isso, Perilli obviamente faz referência aos que continuam lutando por justiça, já que faz pouco mais de 10 anos que começaram os trabalhos da Comissão da Verdade, ocasião em que a autora depôs.

Embora o texto apresentado por Perilli provoque uma série de indagações a respeito de aportes teóricos como a autoficção, o lugar do autor e do narrador, este estudo se deterá exclusivamente na questão da memória: memória enquanto trauma – o que leva à narrativa de si – e, no que se refere à produção dessa escrita, enquanto memória emblemática dos eventos vividos pela autora.

#### ¡NUNCA MÁS!

No que respeita à literatura argentina, pode-se constatar o crescente número de obras dirigidas tanto ao público adulto quanto ao infantil que tematizam os mortos e desaparecidos durante o último regime militar, entre 1976 e 1983. Não foi o primeiro golpe político ocorrido no país, mas foi o mais violento. As querelas dos golpes de 1930, 1943, 1955, 1962, 1966 nunca foram realmente resolvidas. Retomando esse trajeto, em 28 de junho de 1966, as forças armadas depuseram o presidente em exercício Arturo Illia, na chamada Revolución Argentina. Até 1973, os generais Juan Carlos Onganía, Roberto Marcelo Levingston e Alejandro Agustín Lanusse se

sucederam no poder, ao longo de um período de constantes levantes do povo que se opunha à repressão violenta por parte das autoridades. Além dos setores sindical e estudantil, também havia reações contrárias por parte de instituições políticas e religiosas (Álvarez, 2010).

Sob pressão, o governo cede e voltam a ocorrer eleições, iniciando, outra vez, o peronismo que, no entanto, será bastante breve. Após a renúncia de Héctor Cámpora, Juan Domingos Perón retorna, mas falece pouco depois, em 1974. María Estela Martínez de Perón, mais conhecida como Isabelita, esposa e vice-presidente do falecido, assume. Seu governo, porém, não ultrapassa dois anos e, em 1976, é perpetrado o golpe de estado que se autointitula Proceso de Reorganización Nacional (Novaro; Palermo, 2007). Embora o PRN tenha sucumbido após seis anos, as marcas deixadas são indeléveis e, não por acaso, o período é conhecido como os “anos de chumbo” no país.

Mais de 30 mil vítimas foram contabilizadas e as narrativas contemporâneas adquiriram um tom que se sobreleva à ficção e mesmo à autobiografia. Existe um “eu” centrado na identidade que se constituiu a partir do vivido ou intuído, caso, por exemplo, do romance *El mar y la serpiente*, de Paula Bombara, dirigido ao público infantojuvenil. Fixada em tempo presente, mas em etapas distintas da vida de uma menina, o romance coloca o leitor diante de alguém que é herdeira do trauma da ditadura, que percebe os acontecimentos por entre véus, sem compreender o que se passa e sem receber respostas dos adultos. É uma situação que se repete, seja quando o pai desaparece, seja quando a mãe a abandona. Mas Bombara não é única a colocar seu drama. O projeto *¿Quién soy? Relatos sobre identidad*, nietos

y reencuentros reúne um grupo de escritores, pertencente à geração pós-ditadura, que acreditam que a literatura, inclusive infantil e juvenil, possa ser um antídoto contra o silenciamento e ao abuso de poder. De acordo com Ana Ros, existe uma insistência de escrita por parte da geração pós-ditadura:

*The disappeared women and men had parents, siblings, daughters and sons, spouses, friends, and fellow activists for whom disappearance was a tragic event that transformed their lives and confined them to the condition of victims. They responded to this condition by organizing and demanding truth about and justice for the human rights violations.* (Ros, 2002, 9).

Neste artigo, contudo, pretende-se abordar a obra de quem acompanhou todo o processo de endurecimento do governo e o conseqüente silenciamento da população e dos ativistas, situação que redundou em tortura, morte e desapareções. Nesse sentido, o gênero testemunho torna-se uma prática literária significativa por, ademais de priorizar o cuidado estético, propor reflexões sobre os períodos de opressão, por denunciar o trauma vivido por vítimas diretas e indiretas e por alertar para os processos atinentes à memória, sobretudo quanto a sua manipulação. *Improlijas memorias*, de Carmen Perilli, insere-se nesse caminho de reflexões.

O texto de Perilli começa com o relato do julgamento dos responsáveis pela morte de Ángel Mario Garmendia, militante do Partido Comunista desaparecido em 1977, aos 33 anos<sup>2</sup>. Mas Perilli não está somente contando

---

2 Mais detalhes sobre Garmendia, assim como de outros desaparecidos sob o regime, podem ser acessados em <<http://www.desaparecidos.org/arg/victimas/g/garmendia/>>. O site *Los Aparecidos* foi construído por Brian Carlson: “Elegí el nombre de “Aparecidos” para sugerir que “aparecieron,

a história do esposo. O julgamento dá início a uma narradora que converte o desaparecimento de seu marido e de tantas outras pessoas no mote para discorrer sobre os efeitos da memória naqueles que ficam e que tentam entender quem são depois da tragédia: “*Muchos proyectos e ideas desaparecen, junto con los cuerpos, tragados por el enorme silencio que dejó solo restos*”. (9).

A situação apresentada logo na introdução alude ao momento em que a autora está prestes a depor e a presença do filho marca a relação angustiante entre o passado e o presente, entre aqueles anos de chumbo em que, como mãe solo (devido ao sequestro do marido) de filhos pequenos, temia a cada instante a perda deles ou de si mesma. Foram décadas de espera para estar diante de um laivo de justiça. A citação a seguir mostra, inclusive, o embate de memórias entre aqueles que as preservam por amor aos seus e aqueles que tentam submergi-las:

*Jueves 8 de julio de 2010. Es muy difícil describir la escena en los Tribunales Federales de Tucumán. La sala colmada de dolor y angustia. Los rostros envejecidos de los que quedamos y los rostros nuevos de los que nacieron de nosotros. Las presencias malditas a un costado, casi invisibles. Nunca pensé que se podía sentir tanta angustia en una despedida diferida. De golpe regresamos 33 años atrás: mis hijos, a mi lado, vuelven a tener 3 años y 9 meses. En la lectura de la sentencia, el nombre mal pronunciado una y otra vez. La desesperación de todos porque le quitan también el nombre. Mariano, mi hijo mayor, ya un hombre, grita: SE LLAMABA ÁNGEL MARIO GARMENDIA. (Perilli, 2021, 8, grifo da autora).*

---

*o reaparecieron”, un acto simbólico de desafiar el objetivo sádico de los perpetradores de desaparecer a estos individuos.”*



*Improlijas memorias* traz lembranças da narradora, às vezes com datas específicas, que vão, como citado, do momento do juízo, em 8 de julho de 2010, retrocedendo para o início da década de 1970, plena de debates e de projeções que gradativamente vão se despedaçando, com o avanço do regime ditatorial, até chegar no seu auge, 1977, ano do desaparecimento de Ángel.

A essas recordações, vão-se agregando cartas, atas e documentos que constroem o mapa da história das ditaduras, como o ataque às ideias e à educação e o gradativo silenciamento das gentes: “*En la calle todos los argentinos parecen felices. Argentina ha ganado la semifinal. Hoy 21 de junio es un día glorioso*”. (Perilli, 2021, 25). O prólogo de Rossana Nofal, pelo modo como se articula frente ao vivido por todos os argentinos na época, quase se confunde com a narrativa de Carmen, tornando-se a introdução perfeita para uma história sobre silenciamento e perdas.

*Improlijas memorias* é uma investida corajosa por parte da autora. O livro é composto não só por documentos originais, mas também por textos de cunho intimista, como o diário que Carmen escrevia, dia após dia, para Ángel, como uma forma de manter um diálogo com o desaparecido e também capturar o cotidiano para ele. Sua história está toda ali, bem como a fragilidade de que era feita na época. O desaparecimento de Ángel promove, na família, a sensação não só de um luto pressagiado, mas de eterna interrogação:

*Los jueves. Una antesala del infierno. Mi antesala privada. La mía y la de muchos. [...] Esos jueves se extendían infinitamente a lo largo de cuatro meses. Durante toda la semana las expectativas crecían. Podía ser que nos tocara a nosotros. [...] El azar determinaba la inscripción de un nombre y*

*un número en una hoja de papel donde se “blanqueaba” a los desaparecidos. Nos acostumbramos a ser 300, 400 o 500 nombres. La gente había perdido su capacidad para el asombro.* (Perilli, 2021, 34).

Não obstante, para Carmen, segundo depoimento próprio, existe a preocupação de não se colocar em um espaço de vítima, mas de uma voz de resistência (Perilli, 2021) e, para ela, este sempre foi o papel da sua escrita. Além disso, esta não é uma história que se refira apenas a ela. Entremeadada à narrativa, está o modo como muitos argentinos enfrentaram o problema fosse lutando contra o sistema, fosse tentando ignorar os fatos: “*Los relatos se desgranaban y se convertían en colectivos*”. (33).

Na obra, também está exposta a situação corrente da época referente aos conflitos não resolvidos ao longo do século. No vai e vem de memórias, o leitor revisita “*El Tucumanazo*”, evento que não passou levemente por nenhum habitante da Província de Tucumán, uma das regiões mais afetadas pelos conflitos. O governo de Onganía provocou o fechamento de 11 engenhos de açúcar e impôs intervenção militar na Universidad Nacional de Tucumán. Esse é um exemplo do quanto o regime tinha por foco todos os setores – por diferentes que fossem – que representassem uma possível oposição ao governo. Assim, duas frentes de peso se levantaram: por um lado, no âmbito rural, os trabalhadores do ramo açucareiro e, no centro, os estudantes.

O movimento inicia-se em 1969 – a par do que ocorria em Córdoba, “*El Cordobazo*” – com rebeliões pontuais que iriam culminar justamente no “*El*

*Tucumanazo*”, em 1970, quando os rebeldes enfrentaram a ordem imposta, tomando a cidade. O governador de Tucumán e o reitor da universidade renunciaram, o que não diminuiu o descontentamento dos setores afetados pela ditadura. Em 1972, ocorreu outro confronto, desta vez com uma vítima, o estudante Víctor Villalba.<sup>3</sup>

Obras como *Improlijas memorias* têm por eixo a perspectiva interpretativa, pois a mescla com a ficcionalidade permite ao leitor reelaborações sobre o escrito e o ocorrido. O modo como Perilli maneja a escritura, conciliando eventos e personagens históricos com ficção, o eu-autora e o eu-narradora – sem que haja uma completa coincidência entre ambas, como nota Nofal (2021), permite que o leitor decida, se assim o quiser, meter-se pelos meandros daquele contexto histórico ou somente envolver-se nas tessituras da linguagem literária ou ambos.

É inegável a presença de certo culto ao passado na literatura atual, ressaltando, por vezes, um apelo mercadológico que os autores acolhem sem muitas reservas. Contudo, como pondera Beatriz Sarlo (2012), existe um dever, em relação à memória, nos países da América Latina. Para ela, os testemunhos são as vozes que fazem possível a condenação do terrorismo de Estado e geram, pela denúncia, movimentos como comissões, relatórios e registros da verdade. Nessa linha, textos como *Improlijas memorias* tornam-se formas de alertar sobre os perigos do poder hegemônico. Com isso, não

---

3 O filme *El Tucumanazo, un documental necesario* reconstitui esses eventos históricos e está disponível no You Tube: <<https://www.youtube.com/watch?v=AEPm5I3O7C4>>.

se quer atribuir um cunho prescritivo à obra. Ao contrário. Ao optar pelo viés literário, Carmen oferece a reflexão ao público.

Por fim, ao atribuir o adjetivo *Improlijas* ao título do livro, a autora estabelece conexão com o poema de Soror Juana Inés de la Cruz, “*Prolijas memorias*”. Frente ao conhecido apuro do texto barroco, Carmen Perilli “acusa” suas memórias de descuidadas ou, conforme comenta (2021a), como resultado de anotações que costumava fazer ao longo da espera por notícias do marido. Mas, de fato, não há descuido, pois como Nofal aponta, “*El arte de narrar se vuelve esquivo frente al lado épico de la verdad*”. (5). A fragmentação do texto, portanto, é um coerente mosaico que se abre frente à mulher que vê a vida que conhece transformar-se em incertezas, cindindo memórias, lugares e identidades.

Reiterando a posição de Carmen Perilli como uma voz de resistência, o romance igualmente se firma como força mobilizadora de consciência política, social e estética. Ao conjugar-se com a memória individual e coletiva, mais do que um testemunho autobiográfico ou construto histórico, instaura-se como processo de reflexão acerca de quem somos como sujeitos latino-americanos. Como leitores, deparamo-nos com uma situação a ser constantemente problematizada, inclusive pelas novas gerações. Infelizmente, as variadas formas de opressão nunca perdem a vigência.

#### LUTO E RESENTIMENTO

Muitos sobreviventes de genocídios ou guerras não costumam compartilhar suas experiências. Esquecer e/ou ocultar detalhes da família e dos amigos

parece ser o caminho mais aceitável para deixar o trauma para trás (Zeruvabel, 2006). Na mesma linha, as pessoas próximas também se sentem constrangidas em tocar no assunto, pois não querem incitar mais dor e sofrimento. Assim, perguntas e experiências em uma suposta (auto) proteção. Não falar pressupõe. Nesses casos, que a violência não acontecerá novamente, que não haverá punições. Também são conhecidos os casos em que a vergonha é o motor do silêncio, sobretudo, em casos de estupros.<sup>4</sup> Mas, como discute o sociólogo Eviatar Zeruvabel, o silêncio instaura um “elefante na sala”: o trauma se infiltra como um mal-estar permanente, um não-dito que se incorpora ao cotidiano e que pode manifestar-se de diferentes formas, através de pesadelos, doenças mentais, alcoolismo ou suicídio (2006).

No caso de Carmen Perilli, o sentimento se revela como angústia incontornável e podemos afirmar o sentimento como um elefante na sala porque a palavra repetida várias vezes pela narradora é quase tangível ao leitor. Além da citação já referida “A sala plena de dor e angústia (8)”, ainda encontramos, no texto:

Por un momento la angustia me oprimió la garganta. Siempre que los veía en la facultad me sentía culpable por haber quedado adentro. Sabía que para él había sido inconcebible la idea de abandonar los claustros. Aparté como pude la sensación de angustia y me colgué de su brazo. (17).

Me sentía incapacitada para comunicarme con mis hijos. Una pared de angustia y de muerte se extendía entre nosotros. (30).

---

4 Savannah Durcharm destaca a questão da vergonha em seu projeto com mulheres chilenas que sobreviveram à tortura e à violência sexual sob o regime de Pinochet. (Durcharm, 2016).

Mis hijos me asustaban. Los primeros días me sentía incapaz de responsabilizarme de ellos y no quería transmitirles mi angustia. (45).

La angustia me quema. (58).

Podemos, se assim o quisermos, aproximar o estado de alma da narradora à angústia kierkegaardiana. Para Soren Kierkegaard, a pessoa angustiada a alguém à beira de um precipício: ao mesmo tempo em que teme a morte, é tomada pelo fascínio da queda. A situação geraria ansiedade pelo não tão simples fato de o sujeito pode optar. Essa “vertigem de liberdade” (2019) acusada pelo filósofo desperta uma intensa angústia. Ainda que, por um lado, o leitor depare-se com uma mulher cuja angústia parece vinculada ao luto e às demais perdas, por outro, acena fortemente para a necessidade de uma tomada de decisão. Para Kierkegaard, a angústia anuncia nossas possibilidades de escolha. Do mesmo modo que manifesta que existe uma chance de perda, que existe uma fragilidade na “queda”, também demarca o caminho para um reencontro consigo.

O abismo de Carmen – narradora, personagem, mulher argentina vítima da ditadura – está no passado que tenta entender. É quase um luto eterno, um viver no passado. Não se trata de um traço patológico, mas ela está estagnada pelas lembranças. No fundo do precipício, estão o presente e o futuro. Esse apego ao passado faz pensar, também, na confiabilidade das memórias, já que estão carregadas de subjetividades, como não poderia deixar de ser. Além disso, como o título da obra anuncia, a escrita sai *improlija*.

No entanto, esse é um fenômeno comum, conforme assegura Beatriz Sarlo sobre a inevitabilidade da fragmentação das lembranças:

*La fragmentariedad del discurso de memoria, más que una cualidad a sostener como destino de toda obra de rememoración, es un reconocimiento preciso de que la rememoración opera sobre algo que no está presente, para producirlo como presencia discursiva con instrumentos que non son específicos al trabajo de memoria, sino a muchos trabajos de reconstrucción del pasado. (p.137-138).*

Retomando o papel da escrita performática de Perilli, a configuração das memórias pessoais pode narrar a dor coletiva (Umbach, 2020, 11). Na mesma linha, em entrevista concedida a Roland Detsch, a pesquisadora Aleida Assmann estabelece novas nuances na cultura da memória no presente século:

Um deslocamento importante na lógica da lembrança decorreu do fato de não apenas se glorificarem os atos heroicos, mas de se ter passado a dar espaço também ao sofrimento individual e de se ter lembrado de crimes do passado que se teria preferido ignorar. O reconhecimento retrospectivo de crimes e traumas tornou-se um fator importante, que modifica substancialmente a paisagem da lembrança em todo o mundo. (s/p).

As lembranças presentes no livro misturam a angústia ao ressentimento. O julgamento e a sentença não bastam, não têm como bastar. Existe uma perda que nenhuma justiça legal pode sanar. António Sousa Ribeiro, professor da Universidade de Coimbra, analisa, no âmbito da memória e do trauma, o papel do ressentimento da vítima. Diferentemente do rancor, ressentir-se

é um movimento ativo que pode transformar o crime em realidade moral para o criminoso e, com isso, colocá-lo em situação de ter de enfrentar a própria iniquidade:

No plano deste ressentimento da vítima perante o perpetrador, a impossibilidade do perdão é inseparável da recusa do esquecimento. Não tem, pois, que ver com uma fixação paralisante no passado, significa, sim, a definição de uma posição moral que permite à vítima, justamente, recusar a fixação neste estatuto e constituir-se como sujeito. O sujeito ressentido é, deste ponto de vista, o sujeito que se constitui através da afirmação da permanência da memória. (s/p).

Por consequência, a vítima deixa de ser alguém inerte ante a ignomínia e passa a ser aquela/aquele que age em prol da recuperação da própria identidade que lhe foi negada pelo trauma. É possível coadunar essas ideias às de Joël Candau (2019). Ou seja, memória e identidade se conjugam, se unem e se apoiam na convergência pela busca de uma narrativa de vida, de uma história:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (19).

A memória, para Candau, precede a identidade e é geradora dela, pois participa da sua construção. Contudo, essa identidade molda predisposições



que podem levar os indivíduos a albergar determinados aspectos particulares do passado, fazendo escolhas memoriais (19). Da mesma forma como a memória é “a identidade em ação” (18), se manipulada indevidamente ou perturbada, sem resgate, pelo trauma pode arruinar a identidade.

Nesse seu processo de memória, cada sujeito conserva informações sobre determinados eventos que podem não corresponder a tantas outras memórias. A particularização da ocorrência, a relação com as pessoas envolvidas, a nostalgia ou o trauma podem definir as formas das lembranças. Mesmo assim, os acontecimentos históricos são asseverados pelos fatos ocorridos, fotos, arquivos, testemunhos. Nesse sentido, a escrita histórica socializa “um certo conteúdo memorial mais consistente do ponto de vista factual e, provavelmente, superficial, do ponto de vista das representações (Candau, 2019, 109):

Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a metamemória. Assim, o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos. Entretanto, com frequência a escrita, como modalidade de expansão da memória, deixa a busca identitária incompleta. (109).

No entanto, não é este o caso da obra de Carmen Perilli, ainda que a autora se valha de documentos e fatos. Segundo acredita Sylvia Molloy (2003), com base em Paul de Man que compara a autobiografia à prosopopeia: “escrever sobre si mesmo seria essa tentativa, sempre renovada e sempre fracassada,

de dar voz àquilo que não fala, de trazer o que está morto à vida, dotando-o de uma máscara (textual) (13). Para Molloy:

A vida é sempre, necessariamente, uma história; história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração. Portanto, dizer que a autobiografia é o mais referencial dos gêneros [...] é, em certo sentido, por a questão de maneira falsa. A autobiografia não depende de acontecimentos, mas da articulação destes eventos armazenados na memória e reproduzidos através da rememoração e da verbalização. [...] A linguagem é a única maneira de que disponho para “ver” minha existência. Em certo sentido, já fui “contado” – contado pela mesma história que estou narrando. (19).

Consequentemente, embora o autor seja representado pelo seu nome, o “eu” assume, na narrativa, um tipo de multiplicidade e intimidade que faz emergir a figura do narrador e da personagem que, como aprendemos com Philippe Lejeune (1994), constituem um modelo engendrado pela autor para estabelece uma relação de identidade semelhante ao real, que não é o mesmo que a identidade em si, mas a sua representação, a sua autoficção. Como leitores, percebemos quem realmente produziu o texto, já que a assinatura na capa do livro assegura o registro da realidade. No entanto, a confiança que se estabelece sustenta a apuração dos fatos, que também sustenta a narrativa e vincula o “verdadeiro” e o ficcional.

Contudo, como já dito, não se deseja, neste artigo, adentrar a autoficcionalidade. A maneira singular da autora para produzir seu romance remete, nesta perspectiva de estudo, à reflexão formulada pela socióloga Elizabeth Jelin, em entrevista concedida a Lidia Blanco, em 2006:

¿Qué importa de todo esto para pensar sobre la memoria? Primero, *importa el tener o no tener palabras para expresar lo vivido, para construir la experiencia y la subjetividad a partir de eventos y acontecimientos que nos chocan*. Una de las características de las experiencias traumáticas es la masividad del impacto que provocan, creando un hueco en la capacidad de “ser hablado” o contado. Se provoca un agujero en la capacidad de representación psíquica. Faltan las huellas dolorosas, patologías y silencios. (Blanco, 2006, s/p).

Contar-se é construir um evento sobre si e, no caso de obras como *Improlijas memorias*, um discurso simbólico poderoso contra a violência experienciada (Cardoso, 2021). Como se pode inferir, as representações da memória têm o papel fundamental de impedir que a opressão imposta às pessoas se transforme em um passado nebuloso, sob pena de abafar as vozes das vítimas. Quando tal fenômeno ocorre, os algozes, por vezes, são heroizados por discursos de seus seguidores que podem minimizar atos de tortura e massacre<sup>5</sup>, manipulando a história e contribuindo para o esquecimento ou, mesmo, criando uma memória emblemática (Stern, 2000) equivocada sobre os acontecimentos.

Como coletividade, vivenciamos uma significativa rede de experiências de vida e guardamos memórias (soltas) – mais ou menos – isoladas daquelas que acontecem no contexto social (emblemáticas). As pessoas em comunidade

---

5 No Brasil, o ex-presidente da República Jair Bolsonaro costumava exaltar o General Carlos Brilhante Ustra (1932-2015), chefe do DOI-CODI do II Exército durante o período 1970-1974. Suas ações ao longo ditadura militar brasileira (1964-1985) foram marcadas por repressão, tortura, desaparecimentos e mortes, além de comprovadamente corruptas, no que respeita ao uso do dinheiro público.

conectam o individual e o coletivo, mas, quando o fazem, dão um sentido potencializado ao acontecimento, considerando que os elementos constituintes dos fatos deixaram de ser pessoais para se tornarem um fenômeno social, isto é, envolvem as experiências representativas da comunidade. Então, cria-se uma espécie de marco da memória social, a emblemática que pode ser o que frequentemente chamamos de história oficial ou um monumento representativo de um acontecimento que mobilizou determinado grupo social: museus, comissões, documentos oficiais, documentários. A grande questão, em se tratando de memória emblemática sobre conflitos e/ou ditaduras, é quem promove essas memórias.

A memória emblemática pode facilmente transformar-se em um aparato de conciliação ou, como se pode apreender do conceito, da sobreposição de determinadas lembranças em detrimento a outras. A teia criada pela cultura de grupos – ou do poder hegemônico – toma corpo, fomentando a repercussão de determinado marco e a aceitação da comunidade, o que evidentemente funda relações complexas e heterogêneas.

Stern chama a atenção para o fato que a memória emblemática, ao organizar várias memórias soltas para chegar a determinada concretude, define quais memórias pessoais devem ser recordadas e quais devem ser esquecidas ou colocadas em segundo plano, não muito consciente. Em proximidade ao que propõe Zeruvabel, a memória emblemática é o esquecimento de fatos que carregam perigo à vida pessoal, familiar ou coletiva durante períodos repressivos, o que não representa, para Stern (2002), uma forma de amnésia involuntária, mas o desejo ou a necessidade de deixar para trás lembranças

perigosas à integridade física e psicológica do sujeito, ainda que, ao tomar esse rumo, os traumas poderão vir a exigir a superação do conflito.

Stern salienta, a partir disso, a importância de vozes atentas aos lugares organizadores da memória emblemática que possam apontar os sujeitos a pensar e interpretar os fatos com mais consciência. Ora, um texto literário, tanto quanto um monumento, pode ser um marco. Nessa perspectiva, o que Carmen Perilli elabora em *Improlijas memorias* gera uma memória emblemática interrogante e reflexiva que coloca em xeque o papel de cada pessoa a buscar por rostos e nomes de mortos e desaparecidos:

*Muchos de los cuerpos siguen invisibles, siluetas en las pancartas. Poco a poco se localizan algunos restos. Encontraron a Adriana y a Horacio dos años después del juicio, en 2012, en el cementerio de Tacanas en el interior de Tucumán. El Centro de Información Judicial consignó: “En el evento descripto por el denunciante, recuerda un procedimiento militar con movimiento de autos luego disparos y una explosión, indicando que cuando con sus amigos se acercaron al lugar del hecho pudieron observar un auto Ford Falcon quemado con tres personas adentro carbonizadas, y una cuarta persona joven tirada entrando el monte la que parecía haber sido ejecutada allí mismo. Que los militares les dijeron que se trataban de tres hombres y una mujer. También informa que pudieron ver cuando los cuerpos fueron trasladados en bolsas negras al Cementerio Tacanas distante a 1 km del lugar e identifica el lugar de la fosa”.<sup>6</sup> (9).*

---

6 Disponível em: <<https://www.cij.gov.ar/nota-10301-.html>>.

Neste excerto, encontram-se só fatos. O texto entre aspas corresponde, *ipsis literis*, ao relatório do Centro de Información Judicial. Assim, o leitor de *Improlijas memorias* depara-se com a verdade oficial e, sobretudo, com diretrizes que marcam “uma verdade”, uma ação tão significativa quanto o julgamento que é descrito pela autora logo no início da obra. Mas isso basta?

*Escribo. Intento arrojar fuera de mí el tiempo viejo. Abrazar uno nuevo. La angustia me quema. Se interpone entre la vida y yo. Se cuela rastreadamente en los agujeros que mi miedo le deja y me despoja de mí, me deja sola frente a un gran espejo vacío: “Escribi” me decía, oracular, un amigo: “Hacé como los grandes hombres que miran las altas cumbres” [...] Estoy llena de preguntas, no entiendo quién soy y qué es mi vida. Todo junto: presente y futuro. Al pasado lo tengo cada vez más claro, pero también siento que mi cuerpo se rebela a seguir pegado a él. Es como si de un golpe hubiera salido o me hubieran sacado del transcurrir y ahora no sé cómo volver, cómo colarme de nuevo en la vida de todos. (58).*

Carmen Perilli – autora, narradora, personagem – não traz respostas, só perguntas. Ela está diante do abismo, em sua vertigem de liberdade, em uma angústia que queima. Com ela, estão seus leitores. É impossível não vasculhar as gavetas do tempo, das páginas *online* ou de livros, para buscar as memórias sobre os eventos: Aconteceu? Não aconteceu? Ao mesmo tempo, é com Carmen – assim, informalmente – que revivemos o horror *per si* de “la guerra sucia”.

A história experienciada não é mais privada. Ela abre portas para que o leitor que se insira no texto e possa inquirir e problematizar a narrativa e a

história. Ainda que a memória pessoal possa ser questionada, ali estão fatos que são inequívocos e, no caso, interessam à Argentina, à toda América Latina no seu longo trajeto de luta contra a ditadura e a qualquer outro país que tenha vivido ou vive sob jugo.

Assim, acredito que, retomando ao papel das *cartoneras* no contexto atual, a iniciativa extrapola, em muito, o ato de ser mais um meio para a publicação de textos. Especificamente no caso da série *Testimonios*, que visa a sublinhar o impacto da memória, seja no passado ou no presente, e do livro *Improlijas memorias*, estamos diante de uma proposta que tem a liberdade de romper, em certa medida, com as cadeias acadêmicas e mercadológicas de produção e de propor a interlocução com o não teorizável, isto é, com apresentar ao público leitor alguém disposto a dialogar com o abismo.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Elizabeth Jelin (2006), a literatura de testemunho mais recente sofreu mudanças importantes no contexto argentino. Enquanto os primeiros relatos focavam no familismo, na atualidade voltam-se mais para relatos pessoais em que a necessidade de refletir sobre o que ocorreu e sobre o envolvimento do próprio eu se sobressaem. Ainda que, obviamente, familiares, amigos, companheiros, a pessoa que narra se particulariza como personagem.

Através da leitura, abre entrelinhas variadas para pensar-se a violência e os homens que produzem e a sofrem. A problematização da autoficção comentada neste artigo não existe em função de ser analisada ou explicada

em sua constituição teórica. Ela é apresentada como uma forma de elaboração de memórias, como uma luta contra o esquecimento, como um modo de entender a necessidade de “Carmen Perilli” mostrar o seu ressentimento – de acordo com a ótica de Sousa Ribeiro (2019). Recordar, cobrar e superar. Mas tudo ainda é um processo e uma vertigem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, Yamile. La Revolución argentina y los inicios de la radicalización: juventud universitaria y catolicismo posconciliar en Mendoza (1966-1973). *In: Latinoamérica. Revista de estudios Latinoamericanos*, Ciudad de México, n. 51, p. 85-108, dic. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1665-85742010000200005&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-85742010000200005&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- Alves, Cláudia. Cartoneras: a publicação de livros como instrumentos de resistência. *Blog Marca páginas*, abril de 2019. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2019/04/22/cartoneras-a-publicacao-de-livros-como-instrumentos-de-resistencia/>>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- Assmann, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, UNICAMP, 2011.
- Bombara, Paula. *El mar y la serpiente*. 3ª ed. Buenos Aires: Norma, 2009.
- Candau, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.
- Cardoso, Rosane. Los 30.000 mil que nos hacen falta: la narrativa necesaria de Paula Bombara. *Entreletras*, v. 12, n. 2, mai./ago. 2021. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/12491>>. Acesso em: 22 out. 2022.
- Carlson, Brian. Blog *Los aparecidos*. Disponível em: <<https://www.losaparecidos.com/sobre-about/>>. Acesso em: 08 set. 2022.



- Centro de Información Judicial. Identificaron los restos de dos personas desaparecidas durante la dictadura militar. 20 de noviembre de 2012. Disponível em: <<https://www.cij.gov.ar/nota-10301-.html>>. Acesso em: 08 nov. 2022.
- Detsch, Roland. Qual é o significado real da lembrança? Uma entrevista com Aleida Assmann, 2011. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/cul/20809570.html>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- Jelin, Elizabeth. Conferencia *Memorias en conflicto* – pronunciada en el Encuentro por la Reconstrucción de la Memoria, La Plata, agosto de 2002. In: Blanco, Lidia. Reseña *El mar y la serpiente. Imaginaria – Revista quincenal sobre literatura infantil y juvenil*. 15 de mar.
- Jelin, Elizabeth; Kaufman, Susana (comps.) *Subjetividades y figuras de la memoria*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006.
- Kierkegaard, Sören A. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Lejeune, Philippe. La pasión por la autobiografía. Entrevista a ALBERCA, Manuel. *Cuadernos Hispanoamericanos* (julio-agosto, 2004). Disponível em <<http://www.revistas culturales.com/revistas/17/cuadernos-hispanoamericanos/num/649-650/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- Molloy, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Tradução Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.
- Novaro, Marcos; Palermo, Vicente. *A ditadura militar na Argentina – 1976-1983: do golpe de estado à restauração democrática*. Trad. Alexandra de Mello e Silva. São Paulo: Edusp, 2007.
- Perilli, Carmen. *Improlijas memorias*. Clase abierta de la Cátedra Teoría Literaria I - Presentación del Catálogo 2021 Vera Cartonera. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3DwPTarwUug>>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- Perilli, Carmen. *Sombras de autor: la narrativa latinoamericana entre siglos 1990-2010*. Buenos Aires, Corregidor, 2014.

- Sarlo, Beatriz. *Tiempo pasado*. Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- Sousa Ribeiro, António. Pós-memória e ressentimento. *Buala*. 27 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/a-ler/pos-memoria-e-ressentimento>>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- Sousa Ribeiro, António. Pós-memória e a condição da vítima. *Buala*. 17 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/a-ler/a-pos-memoria-e-a-condicao-da-vitima>>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- Williams, Dana. Hijos de la dictadura: posmemoria, trauma y resistencia en Chile actual. Independent Study Project (ISP), Collection/2901. Disponível em: <[https://digitalcollections.sit.edu/isp\\_collection/2901](https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/2901)>. Acesso em: 29 out. 2022.
- Zeruvabel, Eviatar. *The elephant in the room: silence and denial in everyday life*. Oxford: Oxford University Press, 2006.